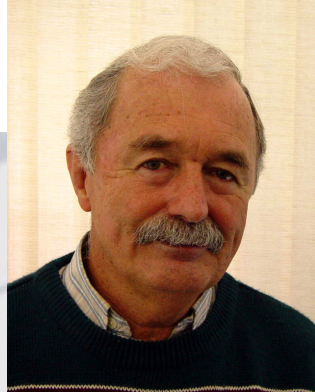


SBN – Série Depoimentos

Dr. Silamar Ferraz

(depoimento oferecido entre o final de agosto e início de setembro de 2011)



1) O que o levou a desenvolver carreira na área de Fitopatologia e a que altura dela optou por se dedicar mais à Nematologia?

Quando me formei em Agronomia na Universidade Federal de Viçosa (naquela época era Universidade Rural do Estado de Minas Gerais), em 1965, queria trabalhar na Fitopatologia, mas, como não tinha vaga, acabei entrando na Microbiologia Agrícola da mesma Universidade. Nesse ponto parece que houve uma intervenção do destino, pois dois meses depois um professor da Fitopatologia pediu demissão e fui convidado a assumir a sua vaga, o que aceitei de pronto. Fiz o Mestrado nos anos seguintes, ao mesmo tempo em que dava aulas de Fitopatologia para a graduação. Em Dezembro de 1969, fui para os Estados Unidos fazer meu Ph.D. na University of California, em Davis. Esse *campus* foi escolhido porque tinha um programa muito forte em Nematologia e eu já estava sendo direcionado para atuar nesta área. No início, tive sérias dúvidas se iria gostar de trabalhar o resto da minha vida na Nematologia, mas, com o passar do tempo, cheguei à conclusão que era exatamente o que eu queria.

2) Como você administrou ao longo da carreira na Universidade Federal de Viçosa a necessidade de ter de atuar sobre o tripé Docência – Pesquisa – Extensão? Na média, como dividia percentualmente o tempo dedicado a cada uma dessas atividades?

De 1969 a 1995, quando me aposentei, o meu tempo era dividido, mais ou menos, em 50% para Docência, 40% para Pesquisa e 10% para Extensão. A partir daquele ano, virou para 90% para pesquisa e 10% para Extensão. Os mais jovens devem atentar bem para a importância de atuar no tripé citado: a Docência obriga o profissional a se manter sempre atualizado na sua área de atuação e, com isto, a desenvolver uma Pesquisa de melhor qualidade; por sua vez, a extensão expõe a necessidade da Pesquisa

para resolver os problemas atuais do homem do campo, ao mesmo tempo em que fornece exemplos práticos que irão aumentar o interesse dos alunos nas suas aulas.

3) Os nematologistas brasileiros são contestados, as vezes, por atuarem em múltiplas linhas de pesquisa, mesmo que todas vinculadas à Fitonematologia. Em um país tão grande, com problemas nematológicos bem diversificados e que requerem soluções urgentes, como você encara tal crítica?

Na minha visão, isto ocorreu porque havia poucos nematologistas no Brasil e, como você bem observou, os problemas eram muitos e exigiam soluções urgentes. Hoje já temos vários casos de colegas que se dedicam a áreas bem específicas da Nematologia e com muito sucesso, diga-se de passagem.

4) Por muitos anos, você se dedicou às pesquisas sobre o controle biológico de fitonematoides através de fungos e bactérias. Da experiência acumulada, como você avalia, objetivamente, a inserção dessa técnica no manejo integrado nas condições brasileiras atuais?

O controle biológico de fitonematoides é hoje uma realidade e que tende a se firmar cada vez mais no contexto de manejo integrado. Novas tecnologias de produção massal de fungos e bactérias têm surgido, o que, juntamente com o desenvolvimento das pesquisas sobre o comportamento desses organismos no solo irão, sem dúvida, conduzir ao aparecimento de novos produtos biológicos no mercado.

5) A taxonomia não foi a sua linha predominante de pesquisa, mas tem publicações sobre o assunto e realizou treinamento avançado na Inglaterra com o Dr. M. Siddiqi. Fale dessa sua experiência e de como foi o convívio com esse renomado taxonomista.

Após retornar dos Estados Unidos em 1973, senti, nos anos seguintes, que me fazia falta um bom treinamento em Taxonomia, para conduzir minhas aulas e pesquisas. Coletei, então, cerca de 500 amostras de solo de várias áreas e culturas no Brasil, fiz a extração e fixação dos nematoides presentes e parti para um programa de Pós-Doutorado no Commonwealth Institute of Helminthology, em Saint Albans, na Inglaterra, isto em 1979. Durante um ano trabalhei na identificação dos nematoides que levei e na descrição de uma nova espécie de *Rotylenchus* que encontramos. Foi uma experiência fantástica, pois tive a oportunidade de trabalhar com dois grandes taxonomistas, o Dr. M. Siddiqi e o Dr. Orton Willians, em uma Instituição voltada para a taxonomia de nematoides e com uma biblioteca e laboratórios montados para atender a esta área específica.

6) Na última década, vários renomados cientistas e editores de periódicos, de diferentes áreas e países, criticaram duramente a excessiva valorização da

quantidade da produção científica, em detrimento de sua qualidade, na avaliação dos pesquisadores e no nível dos manuscritos submetidos à publicação. Outros dizem tratar-se de “um mal necessário”. Qual é a sua análise a respeito.

Até alguns anos atrás, a quantidade de trabalhos publicados era muito valorizada nos concursos para provimento de cargos em instituições de ensino de pesquisa e nos pedidos de bolsas e auxílios. Isto, a meu ver, não queria, necessariamente, indicar que os trabalhos eram de baixa qualidade. Era bastante comum, os autores dividirem um trabalho mais volumoso em dois ou três manuscritos mais curtos, para publicação. Partia-se do princípio que se um trabalho era aceito por um periódico de bom nível era porque o nível do trabalho estava bom. Nos últimos anos, passou-se a avaliar a importância de um trabalho pelo nível da revista em que foi publicado. Isto não está errado, mas é importante manter a mente sempre aberta: dados muito importantes para certas áreas da atividade humana podem estar publicados em revistas de pouca expressão e ter um impacto muito maior do que muitos trabalhos publicados em outras de altíssimo nível. Em minha opinião, muito pessoal, tente publicar seus trabalhos sempre nas melhores revistas, mas nunca deixe de publicá-los, mesmo que em revistas de menor expressão.

7) Você é sócio-fundador da SBN e atuou em várias funções dentro dela, inclusive ocupou a sua Presidência. Fale um pouco de sua relação com o Prof. Lordello e do significado da Sociedade para o desenvolvimento da Nematologia no Brasil e no mundo.

O Prof. Lordello foi, talvez, um caso único na Nematologia brasileira e mundial. Seu entusiasmo, simpatia, humildade e alto astral eram fascinantes. Foi dele a idéia de se fundar a SBN que, em minha opinião, foi o marco inicial do desenvolvimento da Nematologia no Brasil. Esta Sociedade, no início com poucos membros, conseguiu criar e manter uma revista de bom nível científico, a Nematologia Brasileira, e realizar o seu congresso anual, com raras interrupções. Hoje, tanto a SBN quanto a sua revista são respeitadas em todo o mundo.

8) A Nematologia, em sua vida, foi um bom calmante ou só agravou as vicissitudes passadas como produtor de café e torcedor do Cruzeiro?

Eu nunca me arrependi de ter escolhido a Nematologia para trabalhar e, como diz o ditado, quando você trabalha no que gosta, é só prazer! Já como produtor de café e torcedor do Cruzeiro, a estória é outra ...